



DANÇA ESPORTIVA EM CADEIRA DE RODAS: A HISTÓRIA CONTADA PELAS VOZES DE QUEM DANÇA

Michelle Aline Barreto*

Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF

michelle.barreto@yahoo.com.br

Eliana Lucia Ferreira**

Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF

eliana.ferreira@ufjf.edu.br

RESUMO: A dança esportiva em cadeira de rodas surgiu no Brasil no ano de 2001, com a realização do I Simpósio Internacional de Dança em Cadeira de Rodas. Pela iniciativa de pesquisadores, reuniram-se diversos grupos de pessoas com deficiência de todo país, com o intuito de se apresentar uma nova modalidade esportiva culturalmente européia. Desde então, a Confederação Brasileira de Dança em Cadeira de Rodas, instituída no mesmo momento, organiza anualmente o Campeonato Brasileiro de Dança Esportiva em Cadeira de Rodas. Embora se trate de um fato no tempo presente, impõe-se a necessidade de se escrever a história dessa modalidade no Brasil, uma vez que, pelos registros históricos de diversos países, em cada um ela se constituiu de forma diferente. Tomando como ponto de partida tal necessidade, o objetivo da pesquisa foi, utilizando-se da metodologia da história oral, registrar como se constituiu esse esporte, a partir da memória dos atletas que participam da modalidade desde 2002.

PALAVRAS-CHAVE: História – Memória – Dança em cadeira de rodas – Esporte.

ABSTRACT: The dancing in wheelchair sports began in Brazil in 2001, with the realization of the First International Symposium on Dance in wheelchair. Through researchers met several groups of people with disabilities throughout the country with the intention of presenting a new sport culturally European. Since then, the Confederation of Brazilian Dance in Wheelchair, instituted at the same time, annually organizes the Brazilian Championship Dance Sport Wheelchair. Although this is a story of the present time there is a need to write the history of this sport, since this is recorded in several countries and each site is formed differently. Based on this need, the research objective was to show the history of the establishment of the sport from the memory of the athletes who participate in the mode of 2002 using the methodology of oral history

KEYWORDS: History – Memory – Wheelchair dance – Sport.

* Mestranda do Programa de Pós-Graduação da UFJF

** Doutora pela Universidade Estadual de Campinas – Professora da Universidade Federal de Juiz de Fora – Programa de Pós-Graduação.

DANÇA ESPORTIVA EM CADEIRA DE RODAS

Este estudo nasceu da necessidade de se reconstruir a história da dança esportiva em cadeira de rodas no Brasil. Tratamos aqui da história chamada do tempo presente, portadora, portanto, da singularidade de conviver com testemunhos vivos, o que nos possibilita trabalhar com foco nos depoimentos orais.¹

A escolha da metodologia da história oral ampara-se no pilar de dar condições para que a minoria, ou grupo marginal, tenha voz em uma dada sociedade.² Foram entrevistados os atletas da modalidade que fazem parte Confederação Brasileira de Dança em Cadeira de Rodas desde sua fundação, no ano de 2001.

Contamos com um total de seis atletas, sendo três deficientes e três sem deficiência, esclarecendo-se que, na modalidade esportiva de dança em cadeira de rodas praticada aqui, o casal é formado por uma pessoa que necessita da cadeira de rodas para dançar – chamada cadeirante - e um parceiro que não possui deficiência – andante.

Em nossa amostra, deparamo-nos com representantes dos Estados da Paraíba, Salvador e São Paulo, o que nos mostra que, embora timidamente, a dança esportiva em cadeira de rodas já em seu início alcançou diversas regiões do país. Evidencie-se a participação efetiva do nordeste que, na maioria das vezes, é uma região desfavorecida de incentivos e possibilidades.

A dança esportiva em cadeira de rodas é uma modalidade nascida na Europa, derivada das danças de salão, sem uma data precisa. Foi trazida ao Brasil por iniciativa de pesquisadores da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, que divulgaram o esporte nas instituições, entre grupos de dança que já trabalhavam com pessoas com deficiência e, em 2001, promoveram o I Simpósio Internacional de Dança em Cadeira de Rodas, do qual participaram várias entidades, pesquisadores e interessados em conhecer a nova modalidade.

Essa distância entre as origens – dança européia para dançarinos nordestinos – é traduzida na fala dos depoentes, que evidencia a dificuldade de aprenderem as

¹ FERREIRA, Marieta de Moraes. História, tempo presente e história oral. **TOPOI**. Revista de história, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 9, p. 314-332, 2004.

Disponível em: <<http://www2.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Historia_tempopresenteehistoriaoral.pdf>>. Acessado em: 09/09/2010.

² VON SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes. Memória, cultura e poder na sociedade do esquecimento. In: FARIA FILHO, Luciano Mendes de (Org.). **Arquivos Fontes e Novas Tecnologias**: questões para a história da educação. Campinas: Autores Associados, 2000. p. 63-74.

técnicas, ritmos, posturas e os passos básicos. O choque cultural, num primeiro momento, e a trama de pessoas diferentes, inclusive um professor da Alemanha que veio para ensinar as técnicas básicas da modalidade, proporcionaram trocas positivas e a construção dos alicerces da dança esportiva em cadeira de rodas brasileira.

Para além da dificuldade de aprimoramento da técnica, devemos considerar o contexto histórico do país em relação às pessoas com deficiência. A partir da década de 80, o esporte adaptado ganhou maiores proporções e já se praticavam no Brasil outras modalidades, como o basquete, natação e atletismo, que já eram paraolímpicos. Na década de 90, a discussão sobre a inclusão escolar da pessoa com deficiência estava aflorada e ao seu final, foi legalizada.³

Visualizando a então realidade social do país, observamos um universo muito favorável à implantação da dança esportiva em cadeira de rodas, pois havia diversas pesquisas sendo realizadas nas instituições de ensino e se pensava incisivamente em políticas públicas para favorecer essa população. Podemos atribuir como causa desses fatos a receptividade dos atletas em experimentar a nova proposta. Os depoentes – cadeirantes – relatam a participação em outras modalidades esportivas que estavam em alta, principalmente o basquete em cadeira de rodas, o que reafirmamos como um possível facilitador para o conhecimento e desenvolvimento da dança esportiva em cadeira de rodas.

Pesquisas mostram-nos que as pessoas com deficiência demonstram grande interesse pelo aspecto competitividade. Os principais motivos que levam o deficiente a prática esportiva são: a possibilidade de “ser campeão”, “conquistar medalhas” e “ser reconhecido”.⁴

Já com esse conhecimento prévio, verificamos na fala de todos os colaboradores que os títulos e vitórias estão fortemente marcados na memória de cada indivíduo, e as derrotas não são sequer mencionadas. Mas, segundo Figueiredo⁵, não se pode negar a existência de regras e valores comuns a toda sociedade e a todo ser

³ COSTA, Alberto Martins da; SOUSA, Sônia Bertoni. Educação Física e Esporte Adaptado: história, avanços e retrocessos em relação aos princípios da integração/inclusão e perspectivas para o século XXI. **Rev. Bras. Cien. Esporte**, Campinas, v. 25, n. 3, p. 27-42, 2004.

⁴ SAMULSKI, Dietmar, NOCE, Franco. Perfil psicológico de atletas paraolímpicos brasileiros. **Rev. Brás Med. Esporte**, v. 8, n. 4, p. 157-166, 2002.

⁵ FIGUEIREDO, Valéria Maria Chaves de. Gente em cena: fragmentos e memórias da dança em Goiás. **Fênix** – Revista de História e Estudos Culturais, Uberlândia, v. 7, n. 1, 2010. Disponível em: <<<http://www.revistafenix.pro.br/vol22valeria.php>>>. Acessado em: 09/09/2010.

humano. Assim, percebemos que os fatos dolorosos, esquecidos ou ludibriados, e as vitórias, expressadas com emoção e intensidade, são consequência do fato de não ser natural ao homem a admissão de falhas e derrotas. Vamos, então, em busca de marcas e outras características que a modalidade traz impressa nas memórias de seus atletas/dançarinos.

MARCAS, MEMÓRIAS E CONSTITUIÇÃO DA MODALIDADE.

As primeiras competições de dança esportiva em cadeira de rodas foram realizadas em caráter não oficial, como campeonatos regionais locais. O primeiro país a sediar essa modalidade foi a Holanda, em 1985, seguida pela Bélgica, em 1987, e pela Alemanha, em 1991. Em paralelo a esse último campeonato, ocorreu, também na Alemanha, a segunda Conferência de Dança em Cadeira de Rodas, em 18 de Janeiro de 1991, no Hotel Íbis, em Munique. Nesse encontro, constituiu-se o Wheelchair Dancesport Committee (WDSC), que era um sub-comitê da ISOD (Sub-Committee of the International Sports Organization for the Disabled). Sua responsabilidade era a dança em cadeira de rodas, tanto na modalidade recreativa, como na competitiva. Participaram dessa conferência 40 dançarinos de 13 países europeus.⁶

Em 25 de abril de 1992 ocorreu a primeira competição de dança em cadeira de rodas, organizada pelo WDSC em parceria com a Deutscher Rollstuhl-Sportverband, Fechbereich Tanz in Arrangement.⁷

De 1993 em diante, a cada dois anos, o subcomitê organizou os seguintes campeonatos Europeus: Holanda (1993), Alemanha (1995), Suécia (1997) e Grécia (1999). O reconhecimento da competição como internacional, porém, aconteceu apenas no evento de 1997, na Suécia. Nesse mesmo ano ocorreu um outro fato positivo: a modalidade foi demonstrada nas Paraolimpíadas de Inverno em Geilo/Noruega. Depois desse evento, diversos países reuniram-se para regulamentar esse novo esporte, entre eles Alemanha, Bélgica, Holanda, Suécia, Ucrânia. Mas somente em 2000, na Noruega, ocorreu o Primeiro Campeonato Mundial da modalidade, com o reconhecimento do IPC.⁸

⁶ Estes dados foram obtidos através da carta encaminhada ao Grupo Ázigo – Brasil em 16/10/91.

⁷ Estas informações foram obtidas a partir do documento de organização deste evento assim como a programação do mesmo, enviado para o Grupo Ázigo – Brasil em 1992.

⁸ HULLU, O; KLEPPE, T. Z. M. **Classification:** Wheelchair Dance. Warsaw: EPC, 2002.

No ano de 2002, no Brasil, ocorreu, então, a primeira competição oficial de dança esportiva em cadeira de rodas, promovida pela Confederação Brasileira de Dança em Cadeira de Rodas, a partir de então realizada ininterruptamente de forma anual, sob sua chancela, estando hoje em sua nona edição o Campeonato Brasileiro de Dança Esportiva em Cadeira de Rodas.

Após a reconstituição dessa discussão histórica, que é conhecida mundial e cientificamente, fomos buscar na memória dos atletas informações que dialoguem com a constituição da dança esportiva em cadeira de rodas brasileira. Amparadas pelas idéias de Figueiredo, quando buscamos informações na memória, devemos lembrar que, para constituir o presente, devemos re-significar e tornar científico o que não tem registro.

A dança em cadeira de rodas é entendida como uma prática motora de variados estilos de dança sobre a cadeira de rodas, proporcionando assim a inclusão de um maior número de pessoas no universo da dança.⁹ Na modalidade competitiva, que é realizada no Brasil, os casais competem nos ritmos latinos samba, rumba, paso doble, cha-cháchá e jive. Ainda existem os ritmos *standard* – valsa lenta, valsa vienense, quickstep, slow fox, tango internacional – que, por sua maior exigência técnica, não são desenvolvidos e nem disputados pelas equipes brasileiras.¹⁰

A opção por se iniciarem os trabalhos com os ritmos latinos vem da proximidade destes com os ritmos culturalmente brasileiros, o que poderia facilitar a adesão e a aprendizagem da modalidade. Ainda assim verificamos a enorme dificuldade dos aprendizes, como fica claro nas falas dos entrevistadas: Luciene diz: “[...] E assim, foi difícil meu primeiro contato, me sentia assim, o que estou fazendo aqui, não pertença a esse meio. Mas assim, foi fantástica a experiência, porque tive essa oportunidade logo de cara, de ficar em segundo lugar”.¹¹

E ainda temos a fala de Anete:

[...] E todo mundo era da área de dança, e eu era a única “patinho feio”, num sabia nada, nenhuma experiência. O professor fazia o movimento... “ah, não é fácil”, eu olhava aquilo e não entendia nada.

⁹ FERREIRA, Eliana Lucia; FERREIRA, Maria Beatriz Rocha. A possibilidade do movimento corporal na dança em cadeira de rodas. **R. Bras. Cien. e Mov.**; Campinas, v. 12, n. 4, 2004, p. 13-17.

¹⁰ RIED, Bettina; FERREIRA, Eliana Lucia; TOLOCKA, Rute Estanislava. **Subsídios para Competições Oficiais de Dança em Cadeira de Rodas**. Campinas, CBDCCR, 2003.

¹¹ Luciene Rodrigues Fernandes – atleta andante de dança esportiva em cadeira de rodas – João Pessoa/PB.

Aí ele ia pra um lado, eu ia pro outro, horrível! Então eu criei a maior geriza pela dança, do nada [...].¹²

Essas pessoas tiveram a oportunidade de estar em contato com a dança esportiva em cadeira de rodas, no primeiro curso ministrado no Brasil, pelo professor alemão Herbert Hauss, que veio ensinar as técnicas básicas da modalidade. E, pelas falas das entrevistadas, percebemos que grandes obstáculos se criavam ali para o aprendizado e implantação da modalidade, contudo as atletas seguiram participando dos campeonatos e já colecionam alguns títulos brasileiros. E o mais importante é que hoje transmitem as técnicas aprendidas a novos atletas.

Mas, antes mesmo de encontrarem dificuldade em praticar a dança esportiva, os atletas já se deparavam com dificuldades financeiras, de transporte, de aquisição de equipamento e até mesmo em buscar conhecimento a partir daquele primeiro contato com o esporte. Cabral, como gosta de ser chamado Luiz Antônio' relata: "Só conseguimos duas passagens e de ônibus [...] aí eu viajei 36 horas de 'buzu', 36 horas sentado e fomo pra Campinas".¹³ Anete ainda reforça o episódio: "[...] aí saímos de Salvador pra Campinas, 36 horas, eu sozinha com ele [...] Não tinha como carregar ele, então a gente ficou a base de maçã e halls, até lá, pra não dar dor de barriga, que ia ser bem pior". Na fala de Waldemir: "E estávamos com uma cadeira horrível, né? Sem estrutura nenhuma, era uma cadeira adaptada que eu tinha pego do basquete pra dançar".¹⁴

Alguns anos mais tarde, essas dificuldades foram superadas, pois as instituições começaram a investir nos atletas e algumas equipes conseguiram patrocínios para realizarem as viagens, comprarem figurinos e contratarem treinadores.

A Confederação Brasileira de Dança em Cadeira de Rodas – entendam-se aqui os pesquisadores interessados em implantar a modalidade – contribuiu muito com o processo de aprendizagem e de desenvolvimento da técnica da modalidade. Sempre amparada por uma instituição de ensino de renome nacional, ao longo desses nove anos, como a Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Universidade Federal de Juiz

¹² Anete Otília Cardoso de Santana Cruz – atleta andante de dança esportiva em cadeira de rodas – Salvador/BA.

¹³ Luiz Antônio Lacerda Barros Cruz – atleta cadeirante de dança esportiva em cadeira de rodas – Salvador/BA.

¹⁴ Waldemir Tavares – atleta cadeirante de dança esportiva em cadeira de rodas – João Pessoa/PB.

de Fora (UFJF) e Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP)¹⁵, esse esporte ganhou, de certa forma, um arcabouço financeiro. Assim, foi possível custear as despesas de professores, técnicos, árbitros e classificadores funcionais de outros países para subsidiar a dança e implantar os padrões internacionais, dando credibilidade à modalidade e proporcionando aos atletas o conhecimento necessário para o desenvolvimento da dança esportiva em cadeira de rodas.

Uma vez que o esporte não era e ainda não é uma modalidade paraolímpica, não recebe financiamento dos órgãos públicos de fomento, o que dificulta seu desenvolvimento e não lhe traz grande visibilidade. A estratégia usada para buscar amparo é a produção científica em torno do assunto, pois assim se consegue conhecer e entender melhor essa atividade e angariar um reconhecimento em âmbito nacional.

Embora com um início pouco estruturado, tendo que enfrentar todas as dificuldades de se iniciar algo totalmente desconhecido, no Brasil, a dança esportiva em cadeira de rodas vem seguindo sua trajetória e começa a se enraizar.

OS CAMINHOS PERCORRIDOS E OS NÍVEIS ALCANÇADOS

A dança em cadeira de rodas vem a passos curtos se estruturando e se consolidando como prática esportiva no Brasil. A CBDCCR, em suas ações, busca parcerias com o governo e instituições, incentivo para realização de pesquisas e proporciona a vinda de profissionais de outros países para aprimorar a dança no país.

Através dos depoimentos orais, damos oportunidade aos atletas de relatarem como essa evolução é sentida e vivida, sem apenas levar em consideração o discurso da classe dominante. Segundo Olga Von Simson¹⁶, assim garantimos que essa história seja registrada e faça parte da memória coletiva da sociedade ou de um grupo.

Historicamente as pessoas com deficiência sempre estiveram em uma posição desfavorecida socialmente, foram exterminadas, reclusas da sociedade e sofreram com todas as formas de preconceito. Com o passar dos anos, passaram a exigir seus direitos,

¹⁵ Os pesquisadores interessados na implantação da modalidade estavam vinculados a essas grandes universidades do Brasil e por isso conseguiam incentivos através de projetos de pesquisa e realização de eventos.

¹⁶ VON SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes. Memória, cultura e poder na sociedade do esquecimento. In: FARIA FILHO, Luciano Mendes de. (Org.). **Arquivos Fontes e Novas Tecnologias**: questões para a história da educação. Campinas: Autores Associados, 2000. p. 63-74.

a participar ativamente da sociedade e se mostrar como cidadãos em todas as instâncias sociais, tais como escolas, mercado de trabalho, nas artes e também nos esportes.

Nas primeiras décadas do século XX a dança contemporânea ou dança moderna, foi apresentada ao Brasil, obtendo boa receptividade a essa ruptura com a dança clássica, que exigia altos padrões estéticos e técnicos¹⁷. Inconscientemente, esse foi o primeiro passo para permitir que o deficiente entrasse no mundo da dança.

Anos mais tarde, com o advento da inclusão, diversos grupos e escolas de dança começaram trabalhar com pessoas com deficiência, seja isoladamente seja em conjunto com as pessoas sem deficiência. Tais movimentos permitiram ao deficiente a conquista do espaço também nesse meio e a partir de então ‘permitiu-se’ a dança em cadeira de rodas.

A dança esportiva sobre rodas caminha a passos curtos, porém, a cada ano mais firmes. Foram realizados ao logo dessa trajetória nove campeonatos brasileiros que contaram com o apoio de várias instituições, tendo sido sediados por alguns Estados do país como São Paulo, Paraíba e Minas Gerais, ora registrando-se intensa participação, ora com um reduzido número de atletas.

O atleta Alexandre relata: “o primeiro campeonato teve bastante gente. Ah... muitos grupos não continuaram e se desfizeram muitas duplas, infelizmente”. Em outro momento diz: “[...] só que infelizmente 2009 é um campeonato em que tem... só temos grupos antigos, não temos nenhum grupo novo esse ano”.¹⁸

Fazendo uma análise desse relato, verificamos que, mesmo com altos e baixos, a modalidade permanece no cenário. Nos primeiros momentos, quando se registrava um grande número de participantes, justifica-se o fato pelo desconhecimento e até curiosidade de muitos em torno da nova competição. Outro fator que atraía e ainda atrai alguns participantes é haver, durante o campeonato, uma mostra artística de dança, o que permite uma apresentação sem regras e sem julgamento. Inicialmente essa mostra servia como atrativo, uma isca para atrair atletas, pois muitos grupos já praticavam dança em cadeira de rodas de forma artística, e o evento foi usado para aproximá-los e apresentá-los à modalidade esportiva. Contudo, algumas pessoas experimentaram,

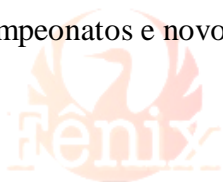
¹⁷ VIERA, Alba Pedreira. Dançando nos espaços das rupturas: olhares sobre influências das danças modernas e expressionistas no Brasil. **Fênix – Revista de História e Estudos Culturais**, Uberlândia, v. 6, n. 3, 2009. Disponível em: <<<http://www.revistafenix.pro.br/vol20alba.php>>>

¹⁸ Alexandre de Aguiar Siqueira – atleta andante de dança esportiva em cadeira de rodas – Santos/SP.

conheceram e não se interessaram ou não se adaptaram à modalidade. Ou ainda, como havia dificuldade de buscar informação e aprender as técnicas, alguns atletas até competiram em dois ou três campeonatos, mas as derrotas consecutivas podem ter se tornado desmotivadoras, levando-os ao abandono da disputa. Tanto que os entrevistados deste trabalho estão entre os que participam desde o início das competições, que colecionam títulos em suas categorias e vieram se aprimorando cada vez mais.

A partir do terceiro campeonato brasileiro, no ano de 2004, algumas duplas sentiram necessidade de explorar mais esse mundo da dança e se aperfeiçoar, indo então participar de campeonatos em outros países, como Malta e Rússia. Assim, tiveram oportunidade de vivenciar como a modalidade é desenvolvida e praticada nesses países. Puderam, inclusive, ter aulas particulares com treinadores internacionais e trazer mais experiência para o Brasil.

E foram essas duplas pioneiras as principais responsáveis pela perpetuação da dança esportiva em cadeira de rodas no Brasil, já que, em cada cidade onde residem, há uma escola ou houve a formação de uma equipe cujos membros são os novos atletas dos campeonatos e novos agentes de disseminação de seu conhecimento.



www.revistafenix.pro.br

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabemos que a dança é a linguagem universal do corpo, inclusive do corpo deficiente. Através dela as pessoas podem expressar sentimentos, fazer protestos e transpor barreiras. No seu aspecto competitivo, a dança ajuda-as superar os próprios limites e aqueles impostos pelos adversários.

Ao registrarmos os fatos sentidos, compreendidos e reinterpretados por quem viveu a história, podemos relacionar o movimento a acontecimentos sociais, políticos e culturais. Assim, a dança em cadeira de rodas ganha força e contextualização quando contada por seus atletas. A partir de seus atores e também autores, o resgate da história da dança esportiva em cadeira de rodas permite-nos ter a dimensão de como esta vem sendo cunhada no país. Essa história, contada por quem a vive, substitui o olhar frio dos fatos puramente documentados, mostrando-nos quem sustentará a dança esportiva em cadeira de rodas no Brasil e como isso será feito.

A dança esportiva em cadeira de rodas foi implantada como mais uma opção de atividade para as pessoas com deficiência. Pelo que a presente pesquisa nos mostrou,

tem conseguido conquistar seu espaço e, aos poucos, a modalidade européia cria raízes no Brasil. Esperamos que novas pesquisas sejam realizadas com o objetivo de desenvolvê-la e consolidá-la no país.



www.revistafenix.pro.br